

A Relação Entre Países Emergentes: uma análise dos perfis de inserção internacional e dos interesses entre México, Indonésia, Coréia do Sul e Turquia com os países do bloco BRICS

Luíza Gimenez Cerioli

Orientador: Prof. Dr. André Luis Reis da Silva

DERI – Departamento de Economia e Relações Internacionais

GESPI – Grupo de Pesquisa em Segurança e Política Internacional



Introdução: A presente pesquisa insere-se dentro de um projeto maior desenvolvido na universidade que visa compreender a inserção internacional do grupo de países emergentes *Next Eleven*, N-11 (Egito, Indonésia, Irã, México, Nigéria, Paquistão, Filipinas, Coréia do Sul, Turquia, Vietnã e Bangladesh). Esses países foram assim agrupados levando em consideração suas grandes populações, modernização e crescimento do PIB, havendo uma expectativa de ascensão desses no cenário internacional (SILVA, 2013). Dentre os onze, existem os MIST (México, Indonésia, Coréia do Sul e Turquia), que se destacam entre esses países intermediários por seus altos índices de crescimento, com PIB superior a 1% do total mundial e membros do G-20.

Problema e objetivos: Esta pesquisa compromete-se em analisar as relações bilaterais entre México, Indonésia, Coréia do Sul e Turquia com os países do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), assim como comparar se há similitudes com perfil de potência emergente do bloco. O objetivo central é definir se esses quatro países possuem similitudes que os aproximam dos países BRICS, adequando-se ao perfil de potência emergente reformista (PECEQUILO; CARMO, 2014) que caracteriza tal grupo. A pergunta que se busca responder é se existe, por parte de algum dos MIST, o interesse e a vontade política de ser reconhecido como um emergente, aproximar com e até ingressar no grupo BRICS.

Metodologia: Para alcançar tais respostas, primeiramente se analisou as relações bilaterais de México, Indonésia, Coréia do Sul e Turquia, individualmente, com cada BRICS, focando no grau de aproximação ou afastamento em setores econômicos e estratégicos, assim como se existe algum litígio ou conflito. Em um segundo momento, buscando compreender a inserção internacional de cada MIST, analisaram-se discursos oficiais de alto nível, trocas diplomáticas, posicionamentos em foros multilaterais e declarações presidenciais e de chefes de governo a fim de determinar, em conclusões parciais, se há interesse, por parte do país analisado, de pertencer aos BRICS e/ou de aproximar-se a imagem de país emergente.

Resultados:

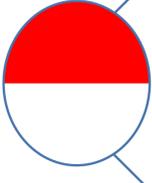
QUADRO 1: PERFIS DE INSERÇÃO INTERNACIONAL

	Potência tradicional	Potência emergente
Status quo		
Reformistas	 	BRICS

QUADRO 2: PROXIMIDADE COM A IMAGEM DE EMERGENTE



Evita utilizar tal termo, apresentando-se como um país liberal e em desenvolvimento, defensor crasso do livre comércio e da intensificação das trocas comerciais com todos os países de economia aberta.



Há um grande interesse de apresentar o país como um dos principais emergentes asiáticos. Nos discursos presidenciais o termo é referido diversas vezes, clamando por uma transformação na governança internacional a fim de abarcar interesse dos países emergentes. Ademais, cooperação sul-sul e regionalismo são temas caros ao discurso indonésio.



Não somente há uma incoerência de tal termo por parte do governo para se referir a si próprio, também há uma divergência nos grupos que classificam a economia sul-coreana, uns afirmando que o país é desenvolvido, outros emergentes.



Objetiva deixar claro sua posição de potência regional, tanto no Oriente Médio, quanto entre os países islâmicos. Não só o país é classificado como emergente pelos organismos financeiros, mas também encontramos em todos os discursos analisados nessa pesquisa o interesse dos oficiais turcos em apresentar o país como um país emergente e em contínuo crescimento.

Conclusões: Em nossas conclusões, podemos afirmar que os países MIST são bastante heterogêneos, sendo que, se Indonésia e Turquia se apresentam sim como países emergentes, México evita o termo e Coréia do Sul é muitas vezes caracterizada como país desenvolvido. Uma característica semelhante encontrada é que esses países, com ressalva à Indonésia, eram históricos aliados às potências tradicionais, algo bastante dessemelhante aos BRICS, que possuem hoje como principal elo o interesse de modificar a ordem internacional tradicional. Entretanto, na última década, esses quatro países estão diversificando suas relações internacionais e diversificando suas parcerias e alianças (reformistas). O perfil de inserção internacional (quadro 1) reforça a ideia de que os países posicionam-se de maneira diferenciada no palco internacional, sendo o Coréia do Sul e o México inclinados a manutenção do status quo, a Turquia em um processo ainda não decisivo de mudança e a Indonésia mais próxima do quadrante reformista. Nossa conclusão final é que, (i) a nível bilateral todos os MIST possuem boas relações com os países BRICS e estão sendo intensificadas em diversos setores e (ii) dentro do bloco MIST, a Indonésia seguida da Turquia, aproximam-se do perfil do grupo, ao passo que o México e Coréia do Sul não indica possuir interesse de fazer o mesmo. Essa pesquisa torna-se útil para melhor compreensão da inserção internacional das potências emergentes, assim como para o desenvolvimento de outras pesquisas que visem analisar a multipolaridade internacional e as relações entre os *global players* não tradicionais.

Bibliografia:
 BENACHENHOU, Abdellatif. *Países emergentes*. Brasília, FUNAG, 2013
 PECEQUILO, Cristina; CARMO, Corival Alves. *A China, o Sistema Internacional e o Sul: ascensão pacífica?* BJIR, v.3, ed.1, São Paulo, 2014
 SILVA, André Luiz Reis. *Os países emergentes na política internacional: o grupo Next-Eleven (N-11) e as convergências com a política externa brasileira*. Em Estudos internacionais, v.1., n.2, Minas Geras, 2013
 SENNES, Ricardo Ubirici. *As mudanças de política externa brasileira na década de 1980*. Editora UFRGS, Porto Alegre, 2003
 LIMA, Maria Soares de. *The political Economy of Brazilian Foreign Affairs: nuclear energy, trade and Itaipu*. Vanderbilt University, Nashville, 1986